



comunidade

Estação Ferroviária de Chagas Dória...

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO *

Antes de 1910 o bairro de Matosinhos, onde fica localizada a Estação Ferroviária de Chagas Dória, era assistido pelos trens da EFOM (Estrada de Ferro Oeste de Minas) que ali paravam sem abrigo para a movimentação de passageiros e cargas. Não havia o atual prédio da estação. O ponto era conhecido apenas como "Parada de Matosinhos". Nos idos de 1908 a Câmara Municipal de São João d'El-Rey solicitou ao engenheiro Francisco Manuel Chagas Dória, então diretor da EFOM, a construção de um ramal que, partindo de Matosinhos, fosse até a Águas Santas, balneário localizado no município de Tiradentes, trecho que infelizmente não mais existe.

O nome de Chagas Dória foi dado à estação como homenagem prestada pela Câmara de São João d'El-Rey e imprensa da cidade ao diretor da Rede. Além da nossa estação há ainda outro prédio com o nome de Chagas Dória: fica em Belo Horizonte e abriga(va) o escritório administrativo da Rede Ferroviária Federal S.A.

Atualmente a Estação de Chagas Dória é o retrato do mais puro abandono. Sua integridade foi bastante perdida através de diver-

sas intervenções desastrosas ali efetuadas; já perdeu a antiga cobertura em chapa de ferro curvo e de arremates floreados, importada da Europa, no início do século passado. Alguns elementos resistiram bravamente, a exemplo das mãos-francesas de ferro retorcido, desenhado em volutas, de alguns adornos de portas e de uma admirável estrutura sustentada por pilares de trilhos que se encaixam e se curvam à guisa de mão-francesa. A romântica plataforma ainda conserva a sua lateral em pedra original, com cerca de meio metro de largura, compondo belo arremate, originalmente em junta-seca, hoje rejuntado com cimento.

É um importante monumento histórico e de valor para a memória ferroviária; mas há muito tempo aquele local e seu entorno foram transformados em lixeira pública, motel a céu aberto e local de encontro de consumidores de drogas, além de estar invadido pelo mato. Para completar o caótico quadro, há mais de um ano o representante da empresa que explora (e como explora!) o nosso complexo ferroviário, mandou "enjaular" a Estação com um ridículo e descaracterizador tapume de arame, fazendo com que aque-

le patrimônio fique ali relegado ao abandono, até cair no chão, como infelizmente já vem acontecendo.

Mas nem tudo está perdido nesta mui nobre terra e ainda haverá sempre um fio de esperança enquanto iniciativas culturais estiverem sendo pensadas, viabilizadas e implantadas. Matosinhos deu um bom exemplo: reativou espetacularmente a "Festa do Divino Espírito Santo" (que estava adormecida há mais de 70 anos). Há também um bom trabalho comunitário, social, que vem sendo bem desenvolvido no bairro... estes fatos, muitas das vezes injustamente, tornam-se objeto de polêmicas ou de críticas maliciosas; mas, mesmo assim, a luta continua, a despeito daqueles que não compreendem bem a filosofia desse trabalho.

É uma pena que no nosso bairro não exista mais o histórico Pavilhão (em estilo mourisco, demolido a dinamite, em 1938) e nem a bela e antiga Igreja do Bom Jesus (criminosamente destruída nos idos de 1970 através de um afoito padre e de outras autoridades...). Se estes patrimônios já se foram, é uma pena estarmos perdendo outros: o conjunto da Estátua e Chafariz da deusa Ceres (de 1887, fundido em Turim/Itália) que está

sem a sua grade de proteção, sem jorrar água e em completo abandono, ao lado de uma espécie de "Trem Fantasma" e de vagões em alvenaria, que pretendem "legalizar" as ilegalizáveis invasões do espaço público ali ocorridas... é uma pena que a Estação de Chagas Dória, patrimônio tombado em nível federal, agonize sem perspectivas imediatas de salvação, sob as vistas do IPHAN e do representante da empresa que explora o nosso acervo ferroviário... o trânsito do bairro clama apenas por uma simples decisão de se colocar mão única nas suas duas principais avenidas, pois do jeito que está continuará matando, aleijando e ocasionando muitos prejuízos materiais...

Creio que o Bairro de Matosinhos deve ser digno de melhor atenção e de mais respeito das nossas autoridades, não só pela sua história ou pelo seu operoso povo, mas também pelo patrimônio cultural que ainda lhe resta. Se já perdemos muito, certamente que ainda temos alguma coisa de valor a ser considerada que merece melhores cuidados. Precisamos de reverter esta situação. A sorte está lançada!

* Membro da ASMAT.

Jornal O GRANDE MATOSINHOS

ASMAT - Associação de Moradores e Amigos do Grande Matosinhos
(São João del-Rei - MG, ano V, edição 50, janeiro 2004, pág. 8)